

MAIS MULHERES ENVELHECEM QUE HOMENS – movimento da academia na última década do século XX

Ana Maria Marques*

Resumo

Na década de 1990, o número de mulheres com mais de 65 anos de idade no Brasil era muito maior que 20 anos antes. Esse fato é gerador das reflexões deste artigo, cujos elementos empíricos são as políticas acadêmicas de inclusão da terceira idade nas universidades e a análise das produções acadêmicas do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina (NETI/UFSC) nos anos 1990.

Palavras-chave: Envelhecimento feminino. Produções acadêmicas. Década de 1990.

Abstract

The number of women over 65 years of age in the nineties in Brazil is much greater than 20 years before. This fact generates the reflections of this article, whose elements are the empirical academic policies for the inclusion of seniors in universities and academic analysis of the productions of the 1990s the Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina (NETI/UFSC).

Keywords: Aging women. Academic productions. 1990s.

Este artigo é parte de pesquisa de doutorado em História que objetivava tratar da mudança discursiva sobre o envelhecimento, sobretudo em mídias e políticas públicas, nas três últimas décadas do século XX. No entanto, trago para este momento apenas um recorte da década de 1990 enfocando como o tema foi tratado nos espaços acadêmicos e destacando a experiência pioneira do NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade), na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), cujas monografias citadas seguem referenciadas em nota de rodapé para assim diferenciá-las como fontes neste estudo.

Dos anos 1970 ao início dos 1990, houve uma elevação considerável na perspectiva de vida da população idosa brasileira. Em 1970, os indivíduos com mais de 65 anos correspondiam a 7,5% da população total brasileira, porcentagem que em 1991 havia subido para 13,8%¹, com a Região Sul concentrando o maior índice médio: 15,55%².

* Mestre e doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso. E-mail: anamariamarquesufmt@gmail.com.

¹ Indicadores demográficos – Índice de envelhecimento da população residente, por situação do domicílio – 1960-1991. In: IBGE. *Estatísticas do século XX* (publicação em CD-ROM), 2003.

Em números absolutos e percentuais, podemos considerar que nas últimas três décadas do século XX as mulheres tiveram sua expectativa de vida acrescida em comparação à dos homens. A “feminização do envelhecimento”³ chama atenção não só pela quantidade, mas também pelo quadro de “chefias idosas” em muitos domicílios onde a manutenção provém da aposentadoria de mulheres. Ana Amélia Camarano, comparando dados do IBGE de 1980 e 2000, conclui que ao final do século XX as mulheres idosas, com 60 anos de idade ou mais, chefiavam metade das famílias nas quais estavam inseridas, mesmo que apenas ¼ delas tivesse estado no mercado de trabalho entre seus 40 e 59 anos de idade – o que se deve à extensão dos benefícios de Seguridade Social (que incluem aposentadorias, pensões por viuvez e benefícios assistenciais): em 1980 atingia 39,2% das mulheres idosas e em 2000 subiu para 76,6%. E Camarano diz mais:

[...] o que parece estar acontecendo é que as mulheres, quando envelhecem, passam do seu papel de dependentes para o de provedoras. Esta, entre outras mudanças, tais como o aumento das famílias de três gerações, tem levado a que os idosos, de uma maneira geral, estejam liderando uma mudança social de grande porte⁴.

As pessoas idosas na década de 1990 viveram uma dinâmica visivelmente diferente de décadas anteriores. As camadas mais pobres, com o incremento dos benefícios sociais, puderam experimentar certa distribuição de renda que as atingiu, dando-lhes mais mobilidade e autonomia econômica.

No final do século passado e início deste, a população com mais de 60 anos era a que mais desfazia seus casamentos, proporcionalmente. A revista *Veja*, ao publicar matéria sob o título “A vida começa aos 60”, destacou:

Cada vez mais brasileiros se divorciam e refazem a vida na terceira idade

Os brasileiros com 60 anos ou mais são os que mais aderem ao clube dos descasados. Em cinco anos, o número de pessoas nessa faixa de idade que se divorciam ou se separam judicialmente de seus parceiros subiu 51%. No total da população, o aumento foi de apenas 13%. Ou seja, em nenhum outro grupo os índices de separação crescem tanto. Os especialistas são unânimes em apontar como principal motivo para esse fenômeno a elevação na expectativa de vida, que hoje é 35% mais alta do que há 50 anos. Naquela época, não era comum alguém na casa dos 60 anos, mudar radicalmente de vida ou fazer planos para o futuro. Isso mudou.

² Cf. Tabela 2.25 – Índice de envelhecimento da população residente, por situação do domicílio, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação – 1980/1991. In: IBGE. *Estatísticas do século XX* (publicação em CD-ROM), 2003.

³ Expressão utilizada por Elza Berquó. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999. p. 21.

⁴ CAMARANO, Maria Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2003. p. 57.

Voltar a estudar, fazer esportes e até namorar são atividades plenamente aceitáveis para quem está na terceira idade⁵.

De certa forma, noticiar que a vida começa na velhice parece um tanto paradoxal. Ainda vivemos, mesmo que estejamos questionando isso, o paradigma da vida em fases. O fato de colocar a vida em limites de idade revela que não “naturalizamos” a velhice ou as questões de geração. A matéria anteriormente citada segue com alguns exemplos e traz dados do IBGE: a cada quatro pessoas que se casam com mais de 60 anos de idade, apenas uma é mulher e, dentro desse percentual de mulheres, apenas 18% casam-se com homem mais jovem, enquanto 70% dos homens casam com mulheres mais novas. As mulheres, pelos dados oferecidos, embora viúvas, ou depois de uma separação, não se casam novamente com a mesma “facilidade” ou “rapidez” dos homens. Na disputa pela busca de parceiros(as), a beleza física, tão valorizada especialmente nas mulheres, pode colocá-las em desvantagem, mas isso não interfere nos seus mecanismos de autonomia e relacionamentos afetivos, pois pelo que podemos comprovar, as mulheres são significativamente representativas como chefes de família e nos movimentos associativos comunitários, seja pela via filantrópica e religiosa ou formando redes de solidariedade e ajuda mútua.

O movimento pela terceira idade na academia – Brasil e Santa Catarina

Com o objetivo de analisar essas mudanças de comportamento e certos contextos que as cercam, em especial algumas mobilizações do âmbito acadêmico-científico, selecionei 20 monografias como parte do universo empírico para este artigo. Os trabalhos compõem uma amostragem entre as monografias defendidas durante a década de 1990 (mais precisamente, entre 1993 e 1999), dentro do programa de especialização em Gerontologia da UFSC. Utilizei como critérios para a amostragem: exclusão das monografias voltadas para áreas específicas da saúde, sua existência na biblioteca do NETI – visto que algumas monografias constantes no catálogo não se encontram nessa biblioteca – e terem sido produzidas na década de 1990.

O NETI foi o primeiro programa universitário voltado ao atendimento do(a) idoso(a) e à formação de recursos humanos no campo gerontológico no Brasil⁶. O núcleo existe desde 1982, mas o curso de especialização em Gerontologia, um desdobramento de seu trabalho, foi

⁵ *Veja*, São Paulo, n. 1.830, 26 nov. 2003.

⁶ PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2004. p. 63.

iniciado em 1992. Conforme a apresentação do catálogo das monografias, os objetivos do curso são:

- 1) propiciar aquisição de conhecimentos fundamentais da gerontologia e sua aplicação nos diferentes campos profissionais; 2) fornecer subsídios para facilitar o desenvolvimento de visão crítica sobre a velhice e o envelhecimento no Brasil; 3) oportunizar troca de experiência no campo gerontológico; 4) possibilitar o conhecimento e análise das políticas públicas sociais voltadas à terceira idade; 5) capacitar profissionais de diversas áreas para atuação gerontológica; 6) capacitar profissionais para lecionar disciplinas básicas de sua formação com enfoque gerontológico⁷.

Por esses objetivos, pode-se supor a inserção do programa no contexto da construção discursiva sobre velhice e envelhecimento. No Estado de Santa Catarina, esse programa de especialização tornou-se referência para outros, bem como esteve sempre ligado a outras redes discursivas nacionais, visto que muitos dos profissionais que ali atuam são (co)participantes da Associação Nacional de Gerontologia (ANG)⁸ e estão ou estiveram em contato com produções e autores estrangeiros.

A proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade, seguida por várias universidades brasileiras e internacionais, é bastante influenciada pelas *Universités du Troisième Age* que tiveram início na França, na década de 1970, e que consistia em oferecer vagas aos envelhecidos⁹ para ingressarem na universidade e darem continuidade aos estudos abandonados em fases anteriores da vida. Diz Jean-Pierre Guitton: “*Les universités du troisième âge, dont la première fut fondée à Toulouse en 1973 par le professeur Vellas, sont devenues les universités ‘tous âges’ pour mieux marquer leur volonté de faire sortir les vieillards d’un ghetto*”¹⁰.

Outra universidade que adotou uma proposta considerada modelar ou referência a outras universidades no Brasil foi a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que em agosto de 1993 inaugurou, numa área de aproximadamente 700 m², um centro de convivência para pessoas idosas congregando ensino, pesquisa e extensão: a Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) – uma “microuniversidade temática” –, “um campo de

⁷ VAHL, Eloá Aparecida Caliani et al. *Catálogo de monografias de especialização em Gerontologia, 1993-2001*. Florianópolis: UFSC/NETI, 2002. p. 9.

⁸ Como é o caso de Marília Felício Fragoso, na presidência da ANG e professora no curso de especialização em Gerontologia da UFSC.

⁹ Embora a palavra “envelhecido” não possua verbete nos dicionários, tomo-a de empréstimo, um neologismo para falar das pessoas que vivem a velhice nos contextos que trato na pesquisa.

¹⁰ “As universidades para a terceira idade, cuja primeira foi fundada em Toulouse em 1973 pelo professor Vellas, passaram a ser universidades ‘para todas as idades’ para marcar melhor a vontade de fazer os velhos saírem de um gueto” (tradução minha). GUITTON, Jean-Pierre. *Naissance du vieillard: essai sur l’histoire des rapports entre vieillards et la société en France*. Aubier, 1988. p. 250.

experimentação e assistência integralmente voltado para os desafios da terceira idade”. Em defesa desse modelo, Renato Veras, doutor em Saúde Pública e diretor da UnATI/UERJ, considera que iniciativas como essa “têm se mostrado alternativas com melhor relação custo/benefício e resultados mais encorajadores”¹¹.

O antropólogo Marcelo Alves Lima faz-nos pensar as relações de poderes e saberes:

Nos anos 90, o surgimento de cursos e instituições universitárias demonstra não só o aumento do interesse pela questão da velhice e do envelhecimento, mas uma significativa passagem do “controle” da formação dos *experts*, da área “prática” do SESC para a área mais “acadêmica”. Além de cursos formais (especialização, mestrado e doutorado), começam a surgir cursos de Gerontologia e Geriatria, de curta duração, que se destinam a profissionais interessados na “terceira idade”. Estes cursos evidenciam um mercado emergente de idosos enquanto consumidores potenciais de serviços e, de outro lado, de um “metamercado”, disputado pelos *experts* oriundos da academia e por aqueles com formação “prática” cuja incumbência é qualificar/legitimar a atuação junto aos idosos¹².

No conjunto do Diretório do CNPq, até o ano de 2000 as ciências biológicas e da saúde concentravam cerca de 80% dos grupos específicos voltados para o envelhecimento humano. A Associação Nacional de Gerontologia (ANG) foi criada em 1987, resultado da cisão dentro da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) provocada pelo debate interno entre médicos geriatras e gerontólogos. Um grupo de gerontólogos estava “insatisfeito com a quantidade de poder e posição dispensada para sua presença dentro da entidade”¹³. Foi ressaltado igualmente que, com a separação, a ANG passou a agregar não só profissionais e acadêmicos, mas associações de idosos(as) e pessoas interessadas nas questões do envelhecimento.

Nas décadas anteriores o envelhecimento já havia sido posto em questão e, nos anos 1990, as fileiras no campo acadêmico estavam engrossadas com a adesão de várias áreas do conhecimento. A tônica das preocupações era dada pelo aspecto do crescimento populacional. O envelhecimento tornou-se, então, uma “categoria estatística”, citando Patrice Bourdelais. Afinal, como diz ele: “*Le vieillissement de la population, phénomène démographique qui se développe dès le début du XIXe siècle, est une construction intellectuelle plus récente*”¹⁴.

¹¹ VERAS, Renato. Idoso e universidade: parceria para a qualidade de vida. In: VERAS, Renato (org.). *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI/UERJ, 1995. p. 26.

¹² LIMA, Marcelo Alves. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade. In: VERAS, Renato (org.). *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UERJ/UnATI, 2001. p. 41.

¹³ LOPES, A. Op. cit. p. 153.

¹⁴ “O envelhecimento da população, fenômeno demográfico que se desenvolve desde o início do século XIX, é uma construção intelectual mais recente” (tradução minha). BOURDELAIS, Patrice. *L'Âge de la vieillesse: histoire du vieillissement de la population*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1997. p. 9.

Foi da perspectiva de trabalhar com uma construção intelectual que selecionei as monografias do Programa de Especialização em Gerontologia da UFSC. As sete primeiras que aqui apresento foram defendidas em 1993 – referentes à primeira turma; duas tiveram apenas uma autoria cada e as demais foram produzidas em grupos de dois, três, quatro e cinco alunos(as). Só pelos títulos, já se pode perceber que todas trazem à tona questões relacionadas à cidadania e/ou às mudanças comportamentais do(a) idoso(a). No primeiro bloco de monografias selecionadas, correspondente à primeira turma que se formou em 1993 no curso de Gerontologia da UFSC, os títulos foram relacionados a letras para facilitar posteriores referências. As notas explicativas de rodapé indicam a autoria, orientação e área de atuação profissional dos autores, de acordo com o que pude subtrair das informações constantes nas próprias monografias. Optei por primeiramente dar destaque aos títulos, por entender que são enunciativos das preocupações da época:

- A. “Uma geração capaz de virar a mesa”¹⁵
- B. “Grupos de crescimento, mudanças e saúde em pessoas de 50 anos ou mais”¹⁶
- C. “Valorização das instituições asilares enquanto agentes de transformação da qualidade de vida do idoso”¹⁷
- D. “A contribuição da prática da dança sênior na qualidade de vida do idoso”¹⁸
- E. “Reconquistando a vida: a participação do idoso na conquista de sua cidadania”¹⁹
- F. “Qualidade de vida do idoso que reside em apartamento”²⁰
- G. “Grupo Interno de Gerontologia”²¹

Se não no título, todas fazem referência à “qualidade de vida” e à “cidadania”.

A monografia A trata sobre “a trajetória dos idosos na busca de seus direitos da cidadania”, tomando como objeto empírico a experiência de Santa Maria (município da região central do Rio Grande do Sul) desde os primeiros encontros da Associação dos Diabéticos

¹⁵ Autoria de Alice do Carmo Jahn (nutricionista) e Diane Tasca Ectchpare (enfermeira).

¹⁶ Orientada pela Prof^a. Emiliana Maria Simas Cardoso (Departamento de Psicologia) e de autoria de Carlos Alberto D’Ávila (médico desde 1971), Maria Zita Koerich D’Ávila (professora do Departamento de Psicologia da UFSC, pedagoga, socióloga e gerontóloga), Maria de Lourdes Freitas (também do Departamento de Psicologia da UFSC) e Janice Maria Moreira Coutinho (psicóloga desde 1983, clínica em consultório particular).

¹⁷ Orientada pela Prof^a. Eloá C. Vahl (Departamento de Pedagogia), a monografia tem como autores: Carlos da S. Bello (médico), Fernando M. de M. Miranda (médico), Jaqueline Herondina de Souza (enfermeira), Kátia Regina da C. Lazzarin (psicóloga), Márcia Pontes Caselli (terapeuta ocupacional) e Maria Cecília A. Gostsfriedt (assistente social).

¹⁸ Autoria de Matilde Lourdes Lovatel Moreira (assistente social).

¹⁹ Por Elivete Cecília de Andrade, orientada por Maria da Graça Coelho.

²⁰ Orientada por J. Erno Taglieber, teve como autores: Maria da Graça Lago da Silva, Maria Tereza de Araújo Waltrick e Solange Iraci Hermes Passig.

²¹ Maria da Graça Winckler Balen, Maria do Rosário Ribeiro Santos e Rosilda Machado da Silva foram orientadas por Leony Lourdes Claudino dos Santos.

(em 1985), passando por todos os encontros de idosos(as) organizados anualmente (de 1986 a 1992) e que fortaleceram a criação do Conselho de Idosos na cidade.

A monografia B defende a importância do “grupo de crescimento” para ajudar os “sujeitos em estudo” (na faixa etária dos 50 aos 63 anos) a atravessarem a “etapa de crise” para chegar à velhice. Os autores sustentam-se em experiências norte-americanas baseadas nas teorias de William Schutz e Carl Rogers.

A monografia C toma como objeto de estudo a Sociedade Espírita dos Obreiros da Vida Eterna (SEOVE), localizada no bairro do Campeche, em Florianópolis (SC), e fundada em 1972 para atender idosos(as) carentes e excepcionais que não encontravam vaga para internação no Hospital Psiquiátrico Colônia de Santana. Os autores fizeram um diagnóstico das condições físicas e recomendaram: treinamento de pessoal, assessoria técnica, criação de grupos operativos (para tarefas rotineiras e de lazer) e “espaço a estudantes de áreas afins, através de convênios com a universidade, no sentido de despertar o interesse pela terceira idade” (p. 66).

A monografia D traz dados numéricos sobre a participação dos(as) idosos(as) nos Encontros da Dança Sênior em Santa Catarina. Joinville aparecia como a cidade que mais possuía grupos desse tipo. A maioria dos participantes (236 entre 240) dançava havia quatro anos e grande parte era formada por mulheres viúvas. A autora destacou o crescimento da dança sênior, que teria começado com a alemã Christel Weber em 1978 através do Movimento Pró-Idoso de São Paulo. Esse movimento teria ganhado a simpatia da Igreja Luterana de São Leopoldo (no Rio Grande do Sul) para a organização de um primeiro curso de dança sênior. Depois os grupos se multiplicaram e, segundo a autora, outros municípios solicitaram apoio para implantar a atividade em seus grupos de idosos(as) (p. 26-27).

A monografia E não utiliza o termo “terceira idade”. Analisa os anais do XII Congresso Nacional dos Aposentados e Pensionistas realizado em novembro de 1991 em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, e o Plano de Mobilização que resultou do congresso recomendando “a participação de aposentados e pensionistas nos movimentos sindicais de cada categoria profissional” (p. 44). A autora diz que “as idosas entrevistadas [de grupos de convivência em Tubarão] trazem enraizadas, em sua história, valores e conceitos que reprimem seu agir político” (p. 65). Essa conclusão está diretamente ligada às relações de gênero que, nos processos de inclusão, reforçam a exclusão das mulheres da participação política e criam um dualismo: os grupos de convivência, mais femininos; e as associações de aposentados e pensionistas, mais masculinos. Historicamente, as primeiras categorias profissionais organizadas envolviam operários homens. A participação política das mulheres

deu-se em outros âmbitos ou ambientes, muitas vezes não entendidos, pelos homens, como políticos. No entanto, é interessante inferir, como diz Guita Debert, que:

Apesar dessas diferenças, é preciso considerar, por um lado, que dificilmente poderíamos compreender o interesse político alcançado pela questão dos aposentados nos anos 90 – e até então inédita na história brasileira – sem levar em conta a visibilidade que a terceira idade ganhou ao longo dos anos 80, redefinindo a sensibilidade da sociedade brasileira em relação ao avanço da idade e à sua população de mais velhos²².

A “questão dos aposentados” citada pela autora diz respeito à mobilização em torno dos 147% que era reivindicado como correção de perdas nas aposentadorias, devido aos critérios adotados pelo INPS, no período de 1974 a 1984. Júlio Simões coloca:

A “mobilização pelos 147%”, como ficou conhecida, torna-se ainda mais interessante se considerarmos que, em princípio, se tratava de uma demanda pontual, à qual teriam direito apenas os segurados da Previdência cujos benefícios fossem superiores a um salário mínimo, contingente que correspondia a cerca de ¼ do total de segurados. O atendimento dessa reivindicação favoreceria, pois, apenas uma parcela minoritária dos aposentados, não incluindo os que estavam em pior situação, em termos do valor de seus benefícios. Apesar disso, a mobilização alcançou uma ampla repercussão popular e se tornou manchete nacional²³.

Na época da ditadura militar, os movimentos sociais não eram em geral interpretados pelo governo como reivindicatórios, e sim como afronta ao poder estabelecido, portanto as mobilizações custavam a ganhar visibilidade. O movimento pelo reajuste das aposentadorias só obteve resultados diretos nos anos 1990. Foi a partir da promulgação da Constituição de 1988 que se materializaram as principais reivindicações do “movimento dos aposentados”, com o alargamento do conceito de seguridade social (art. 194), a garantia de reajuste dos benefícios (art. 201) e do salário mínimo (art. 203). Assim, aposentados e pensionistas tiveram amparo legal para acionar a Justiça contra a previdência social. Mas o que considero fundamental destacar é que um movimento (político), como o dos aposentados, não é mais importante que outro, como o dos grupos de idosas: ambos se interconectam e se ajudam, em especial, no campo discursivo.

Voltando às monografias, as autoras da monografia F realizaram entrevistas estruturadas com 30 idosos(as) na faixa dos 65 aos 87 anos, residentes em apartamentos urbanos de Florianópolis (Centro, Av. Beira Mar e Trindade): 8 homens e 22 mulheres. Dos homens, todos moravam com companhia. Entre as mulheres, 12 moravam sós. Como categoria profissional, apresentavam: “do lar” (10); professoras (4), funcionárias públicas (5),

²² DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004. p. 181.

²³ SIMÕES, Júlio Assis. Solidariedade intergeracional e reforma da previdência. In: *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1997. p. 174.

florista (1), cabeleireira (1) e costureira (1). As autoras não explicam como chegaram a essa amostra. Aliás, da introdução à conclusão, são apenas 17 páginas. Dizem concordar com o pensamento de Barret Meguru (embora não a tenham colocado na relação bibliográfica) de que “a forma bem-sucedida de chegar à velhice é nunca se deixar envelhecer”. Afirmam:

[...] o idoso residindo em apartamento tem vida restrita, estática. Com poucas opções para expandir, caminhar, comunicar-se com outras pessoas, porque a sua frente há sempre uma porta fechada, jardins minúsculos, escadas íngremes, elevadores frios onde se transita sem calor humano (p. 2).

O Grupo Interno de Gerontologia (GIG), analisado na monografia G, era um núcleo que funcionava dentro do Hospital Universitário da UFSC desde 1988, inspirado na experiência do Grupo de Assistência Multidisciplinar ao Idoso Ambulatorial (GAMIA), do Hospital das Clínicas de São Paulo. Em 1993, o GIG (constituído por um médico, duas enfermeiras, uma assistente social, duas bolsistas do curso de Enfermagem, e mais uma assistente social e uma psicóloga voluntárias) se reunia duas vezes por semana para “aprofundamento e atualização na área geriátrica e gerontológica” e para atendimento ambulatorial (às pessoas com mais de 50 anos de idade). As três autoras parecem se contradizer em suas inferências sobre a velhice. Em uma página (18) dizem que “O velho é responsável por sua situação [...] pois quando jovem não pensa que a velhice vai chegar. [...] Cada sociedade terá a velhice que merecer”. Em outra página (21), afirmam que “para ter uma velhice saudável é necessário uma política social não apenas para o(a) idoso(a), mas para a infância, a idade adulta, e também a velhice”. Numa afirmativa, os velhos são responsáveis por si, pela sua condição, em outra é a ação política (não individual) que transformaria a velhice em etapa “saudável”. Os resultados da pesquisa são favoráveis ao trabalho do GIG, pois mostram ter havido uma diminuição no índice de internação e controle das patologias depois do tratamento interdisciplinar que o grupo possibilita.

Esse primeiro conjunto de monografias revela, de certa forma, como os discursos sobre o envelhecimento estão sendo produzidos e como as próprias pessoas que estão envelhecendo, sejam elas autoras ou coautoras, produzem seus entendimentos sobre a velhice. É possível constatar que há um diálogo de experiências trazidas de outros estados, bem como de conhecimentos, pois os autores constroem suas produções debatendo com áreas diferentes. A produção acadêmica revela um fazer-se dos(as) próprios agentes que atuam com idosos(as), seja no âmbito profissional, familiar ou das relações de convivência e entretenimento que constroem enquanto envelhecem.

Há naquele momento (em 1993) certa fragilidade acadêmica. Muitas monografias resultaram da experiência empírica de profissionais que estavam tateando no aparato teórico escasso e novo, por isso as reflexões teóricas se apresentaram deficientes ou, por vezes, inexistentes.

O segundo grupo de monografias é composto por sete monografias correspondentes à segunda turma formada pelo mesmo Programa de Especialização em Gerontologia da UFSC, no ano de 1995. Com exceção de duas monografias, redigidas por três alunas cada, as demais foram defendidas individualmente. Para cada monografia desse grupo, relaciono um algarismo arábico:

1. “A depressão na terceira idade: uma visão contextualizada e epistemológica”²⁴
2. “Programa de preparação para a aposentadoria sob um novo enfoque”²⁵
3. “Para uma pastoral da terceira idade: fundamentos teóricos”²⁶
4. “A solidão na terceira idade: um desafio à pessoa idosa”²⁷
5. “Resgate bio-psico-ecológico-sócio-cultural do idoso”²⁸
6. “Uma velhice quase perfeita”²⁹
7. “Buscando a percepção dos idosos sobre as alterações na sexualidade com a chegada da terceira idade”³⁰

Na monografia 1, as autoras sugerem que para combater o isolamento, “fato frequente na terceira idade devido à diminuição ou mesmo perda dos vínculos sociais formais estabelecidos nas relações sociais” (p. 17), o cidadão deveria entender que: “[...] a aposentadoria não seria um tempo de ‘descanso’, caso a pessoa não o queira, mas a prestação de serviços à comunidade, como forma de continuar gerando expectativa de vida, cultivando a alegria de viver e a liberdade, criando e se desenvolvendo nos campos bio-psico-sócio-culturais e espirituais” (p. 32-33).

A monografia 2 aborda como funcionava o Programa de Preparação à Aposentadoria (PPA) das Centrais Elétricas do Sul do Brasil S. A. (Eletrosul), em vigor desde 1991 até a data da elaboração do trabalho acadêmico pelas autoras. O PPA contava com o apoio técnico do NETI para organização de seminários direcionados a funcionários prestes a se aposentar e

²⁴ Orientada por Silvia Maria Azevedo dos Santos. As autoras são: Adelir Maria de Oliveira (assistente social), Ana Luiza Junqueira Bertoncini (médica) e Onete Ramos Santiago (psicóloga).

²⁵ Autoria de Ana Maria Gomez de Souza, Márcia Elisa Braggio e Maria Bernadete Vieira. Orientadas pela Prof^a. Eloá Cagliari Vahl.

²⁶ Padre Manoel João Francisco é o autor, orientado pela Prof^a. Maria Celina da Silva Crema.

²⁷ Orientada pela Prof^a. Eloá C. Vahl, autoria de Enara Martins Schimitz.

²⁸ Rutinique Fonseca Quadros é a autora, não cita o(a) orientador(a).

²⁹ Maria Aparecida Mallmann Gomes é autora, orientada pela Prof^a. Maria Celina da Silva Crema.

³⁰ Luciene Silva de Souza é autora orientada por Olga R. Z. Garcia e co-orientada por Ademar de Souza.

seus cônjuges. Nesses seminários, segundo as autoras, eram abordados temas relacionados aos aspectos psicossociais, previdenciários, de saúde, de lazer e outros.

A monografia 3 tem um padre como autor. No primeiro capítulo, ele cita grandes literatos que teriam descrito a velhice “com cores muito vivas” (p. 25), como Hemingway, Borges, García Márquez e Beckett. Condena a solidão, dizendo: “A solidão quase sempre está acompanhada de outros fenômenos negativos tais como a melancolia, a depressão e o *stress*” (p. 26). Esses “fenômenos negativos”, apontados como um problema do envelhecimento, poderiam ser solucionados, e para tanto o autor sugere: “reencontrar os valores da fé que foram abandonados pela sociedade moderna” (p. 30). Ele diz que a Bíblia mostra anciãos-exemplos de vida: Eleazar, Tobias e Berzelai; embora mostre os velhos amargos, como Jacó. Na perspectiva cristã, reforça o autor, a dor é um valor que colabora para a obra redentora de Cristo (p. 54). No último capítulo, são sugeridas três dimensões para a “pastoral da 3ª idade”: a comunitária – integrada à Pastoral da família, da juventude e catequese, e investindo em agentes que trabalham ou queiram trabalhar com idosos(as); a solidária – tendo a Igreja como proclamadora de certezas à velhice e à família, para que os(as) idosos(as) não caiam no alcoolismo, drogas e suicídio; e a dimensão política – que deve estar empenhada na luta por uma aposentadoria que permita vida digna e, nesse sentido, a Igreja pode interferir com propostas e ações contra as agressões às pessoas idosas.

A monografia do padre Francisco mostra que a Igreja foi também coparticipante no enredamento discursivo que constituiu um ideal de velhice e que concilia o discurso religioso bíblico com uma ação interventiva da Igreja através do trabalho pastoral.

A monografia 4 também condena a solidão e a ociosidade como geradores de “sentimentos de vacuidade e frustração que podem deprimir a pessoa idosa” (p. 41). A autora sugere o antídoto: “o trabalho de grupo com a terceira idade deve restabelecer as relações da pessoa idosa, resgatar seu valor, enquanto pessoa, estabelecer novas amizades, inserido na sociedade da qual faz parte” (p. 44).

A monografia 5 resultou de uma pesquisa sobre a região do extremo sul catarinense (envolvendo os municípios de Araranguá, Jacinto Machado, Maracajá, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, São José do Sul, Santa Rosa do Sul, Sombrio, Turvo e Timbé do Sul), integrando “técnicos” (médica, assistente social, enfermeiro, professores de educação física, artes e dança) e profissionais do Projeto Viva Bem com a 3ª Idade, o qual a própria autora coordenava. Ela faz um histórico de conquistas relacionadas à promoção do(a) idoso(a), destacando a regulamentação da aposentadoria para os homens a partir dos 65 anos de idade e para as mulheres a partir dos 60 e a implementação da garantia legal de

recebimento de um salário mínimo às pessoas com mais de 70 anos de idade. Nesse histórico, a autora cita a importância dos vários seminários que aconteceram no Brasil desde 1976 até a oficialização da ANG, em 1987 (até então, os gerontólogos faziam seus congressos nacionais junto com os geriatras). Ela destaca a importância da autonomia da gerontologia.

A monografia 6 toma como objeto de pesquisa uma pessoa idosa, que recebe o nome fictício de Rachel. A autora não clarifica qual é sua ligação com a personagem principal de sua pesquisa. Ela destaca a etapa final da vida de Rachel, entre os 76 e 87 anos, sem esclarecer sobre as “etapas” anteriores. Só diz que a pesquisada era “filha de mãe de origem germânica”, que teve cinco filhos e foi “viúva precoce” (mas não diz com quantos anos), que adquiriu “hábitos de uma boa postura” ao estudar no Colégio Coração de Jesus (dirigido pelas irmãs da Divina Providência, em Florianópolis, essa instituição de ensino tem a tradição de formar uma elite local e, durante muito tempo, foi um colégio de moças, enquanto o Colégio Catarinense era de rapazes), incluindo não fumar e não beber bebida alcoólica – havia um padrão de mulher ideal para aqueles tempos³¹. Rachel, mesmo sofrendo de arteriosclerose, é um retrato dos encaminhamentos que a gerontologia estava a indicar para uma velhice com “qualidade”. Segundo a autora, a doença impediu Rachel de ter uma “velhice bem-sucedida”, pois para isso, segundo ela, seriam necessários três requisitos: bem-estar psicológico, competência em adaptação e requisito físico. Rachel, ao desenvolver a doença, passou a ser acompanhada por um “cuidador”, uma espécie de “ego auxiliar”³², alguém que era “extensão de sua própria pessoa, ajudando-a a executar tarefas que ela, por si só, não tinha condições de fazer” (p. 33). Na conclusão, diz que Rachel, “já pertencente ao mundo dos mortos, [...] pôde agradecer a Deus [...] as condições [em] que vivera seus anos de esclerosada: amada, muito respeitada e em condições tais que lhe permitiram uma velhice quase perfeita” (p. 49).

A “velhice perfeita”, como se pode inferir, seria se Rachel pudesse ter gozado de todos os requisitos à “velhice bem-sucedida”. Esse perfil de velhice, no entanto, não incluía o fato de que os(as) idosos(as), especialmente os septuagenários ou octagenários, dificilmente o alcançariam, haja vista as diversas doenças que atingem essa faixa etária. A autora parece inserir-se entre aqueles que acreditam na problemática ideia que (especialmente) a gerontologia criou ao valorizar uma certa juventude (saúde física, bem-estar etc.) nas suas

³¹ Maria Teresa Santos Cunha (no livro *Armadilhas da sedução*) mostra sua investigação com leitoras dos romances de M. Dely, num universo amostral composto por mulheres dessa mesma geração e contexto, e como esse tipo de literatura contribuiu para promover “um tipo ideal a ser alcançado”: encantadoras, submissas, dependentes e dedicadas ao lar, à espera de seus príncipes encantados.

³² A autora diz que toma essa expressão de: MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1984.

propostas de combate à deteriorização e à demência. Esse é um risco, como foi apontado por Guita Debert³³:

A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que o indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania. A dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é um elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência.

A última monografia deste bloco, a 7, toma uma amostra de 37 pessoas idosas (de 60 anos de idade ou mais) – 17 homens e 20 mulheres – que viviam em Florianópolis, para investigar as “alterações na sexualidade com a chegada da terceira idade”. Os resultados obtidos revelam que 55% das mulheres desejavam ter relações sexuais diariamente, porcentagem próxima à dos homens nesse item: 58%. Sobre a masturbação, 80% (tanto homens como mulheres) diziam não praticar. As mulheres acusavam a queda na frequência das “práticas sexuais” à falta de privacidade doméstica e ao constrangimento por não se sentirem atraentes. Uma porcentagem de 80% dos homens atribuía à “estimulação tátil” a obtenção de prazer, enquanto as mulheres se dividiam entre “estímulos sensoriais” e “fantasias eróticas”. Sobre a excitação: os homens a associaram à ereção e 40% deles diziam que era menos intensa que na idade adulta (quando o nível de excitação era de 100%, segundo eles); as mulheres, embora 60% dissessem que era difícil se excitar, afirmaram que em comparação ao nível de excitação da fase adulta a queda era para 60%. Então, enquanto o nível de excitação de homens idosos cai de 100% para 40%, para as mulheres idosas cai de 100% para 60%. Os índices foram semelhantes quando a pergunta era sobre orgasmo. A autora fala de uma certa expressão da sexualidade nos bailes, diferenciando homens de mulheres, na p. 34:

Existem casais, nos bailes de idosos, que desejam apenas namorar, limitam-se a ficar de mãos dadas e dançar de rosto colado, sem maiores apelos sexuais, curtem discretamente o prazer de estarem juntos. É um relacionamento meigo, respeitoso, caloroso. Os homens, embora adotem um proceder galante e cultivem práticas já esquecidas, como beijar as mãos das mulheres; na hora da dança, no meio do salão, apertam as parceiras de um jeito vigoroso, peito com peito, coxa com coxa.

³³ DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004. p. 15.

Luciene de Souza, ao falar sobre a sexualidade nessa amostra populacional, revela algumas contradições de seus entrevistados. Cerca da metade deles diz ter desejo sexual diariamente, mas a maioria não pratica o ato sexual por falta de excitação, por exemplo. Essa é uma questão que não deveria ser atribuída à idade propriamente. Nesse trabalho, o relato do comportamento dos casais no baile é a própria vivência reveladora das relações de gênero, nas quais as mulheres assumem uma posição submissa e mais passiva, enquanto os homens são mais “vigorosos”. Todavia, trata-se de uma *performance*, pois na ausência de parceiros, as próprias mulheres fazem “papel de homem” ou, em alguns casos, pagam, de maneira sutil, para um rapaz mais novo fazer o “papel de cavalheiro”³⁴.

A fragilidade acadêmica persiste nesse bloco de monografias. Existe um discurso recorrente e padronizado de comportamentos desejáveis em idosos(as) para que sejam considerados(as) com qualidade de vida. Para depressão, solidão, esclerose e aposentadoria há remédio: atividade e produtividade. Caso houvesse impossibilidade de se engajar nesses moldes, não haveria problema, pois “cuidadores” (um novo filão profissional) estavam sendo formados para dar suporte a uma vida com mais dignidade na velhice – daqueles mais abastados, seguramente.

Para o terceiro grupo de monografias, todas defendidas através do Programa de Especialização em Gerontologia da UFSC em 1997, foram selecionadas cinco. A cada uma foi relacionado um algarismo romano:

- I. “A dança na terceira idade: um estudo no município de Florianópolis-SC”³⁵
- II. “Programa de preparação para aposentadoria: nova proposta de ação”³⁶
- III. “Características que perpassam os programas para a terceira idade da Universidade Federal de Santa Catarina que promovem qualidade de vida”³⁷
- IV. “Envelhecimento, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS: contribuição para a educação e prevenção em saúde”³⁸
- V. “Pastoral da terceira idade: uma contribuição para o crescimento humano, cristão e espiritual”³⁹

³⁴ Nos “bailes-ficha” da Zona Sul do Rio de Janeiro, mulheres idosas contratam rapazes para serem “cavalheiros de aluguel”. Deles, elas esperam que sejam corteses, gentis e bons dançarinos – não namorados em potencial. Esse universo foi pesquisado por Andréa Moraes Alves, no livro *A dama e o cavalheiro*.

³⁵ As autoras Luciana Gomes Alves, Margot Lago Philippi e Simone Sá Betsk foram orientadas por Marize Amorim Lopes (do Departamento de Educação Física).

³⁶ Esta monografia foi orientada pelas professoras: Maria Bernadete Vieira e Márcia Elisa Braggio. Autoria: Eliézer Luiza da Silveira Inácio, Natércia Maia Vasconcelos e Sonia Regina Cardoso Rodrigues.

³⁷ Orientada pelo Prof. José Erno Tagleber. Autores: Kátia Simone Ploner, Donavo Lafaiete S. de Souza e Gislane Pessoa Alcântara.

³⁸ As autoras Ana Paula Guarnieri e Beatriz Macali de Souza foram orientadas pela Prof^a. Maria Helena Bittencourt Wastrupp.

A monografia I analisa uma amostra populacional que incluía cinco “grupos de dança da terceira idade” de Florianópolis, com idades superiores a 65 anos e que praticavam dança havia mais de dois anos. Eram estes: “Grupo de Dança Folclórica da 3ª Idade” da UFSC, com 35 participantes, entre os quais só 2 homens; o “Grupo Alegria” do Ribeirão da Ilha, com 26 participantes, 1 homem apenas; o “Grupo de Idosos Sempre Unidos da Tapera”, com 49 participantes: 12 homens e 37 mulheres; o “Grupo Esperança” dos Ingleses, com 26 participantes, todas mulheres; e o “Grupo da Associação dos Aposentados e Pensionistas da Celesc”, com 30 participantes, só mulheres também. Entre os dados apurados com 50 mulheres entrevistadas, distribuídas nesses grupos de dança, encontrou-se: 30% não perceberam alterações na percepção corporal com o início das atividades de dança, 32% notaram “maior possibilidade corporal”, 22% perceberam emagrecimento, 10% apontam “maior entusiasmo”, 4% falaram de “ganho de peso” e apenas 2% sinalizaram “melhora da saúde”. Quando a pergunta foi sobre “interação social”, 46% disseram que antes da dança se sentiam sós, 27% afirmaram que não se sentiam sós, mas depois da dança 96% não se sentiam mais solitárias. No entanto, 56% delas disseram que a prática da dança não mudou o relacionamento com familiares.

Essa monografia traz bem presente o componente do gênero nesse tipo de prática tão atraente às mulheres idosas. Embora os grupos de dança revelem uma mudança comportamental, seus integrantes não percebem a mudança significativamente relacionada à saúde física ou aos relacionamentos familiares. Pelo menos, não nessa amostragem. Nos depoimentos sobre o programa de atividades físicas do NETI, são recorrentes depoimentos deste tipo: “foi um trabalho excelente que nos tirou a tristeza da idade e da casa”⁴⁰. Na tabela de participantes dos cursos do NETI, em 1997, a dança aparece como a atividade com mais participação entre as demais⁴¹.

A monografia II elabora um histórico sobre o sistema de aposentadorias. Afirma que a aposentadoria, como intervenção do Estado na garantia dos rendimentos básicos à subsistência do trabalhador frente a sua incapacidade, velhice e/ou declínio de produtividade, teve origem na Alemanha em 1889, seguida pela Bélgica, Áustria e países nórdicos, em 1925 na Inglaterra, e em 1928 na França (p. 24). No Brasil, os autores citam a Lei Eloy Chaves, de 1923, que regulamentou as Caixas de Aposentadoria e Pensões (CAPs), que em 1933 foram transformadas em Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs). Lembram a criação do

³⁹ Autora: Adelir de Silva Raupp, sob orientação do Pe. Dr. Manoel João Francisco.

⁴⁰ GUEDES, Neusa Mendes. *A ação multiplicadora de monitores habilitados em curso de formação de monitores da Ação Gerontológica*. Florianópolis: NETI/UFSC, 1997. p. 22.

⁴¹ *Ibidem*, p. 28.

Funrural, a criação do Instituto de Previdência Social e do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), em 1990. Os autores concordam que o crescimento da população idosa no Brasil, nos últimos 20 anos, teria sido a grande alavanca para as preocupações com a velhice. E para que os aposentados vençam o estigma da improdutividade da velhice, eles levantam os três benefícios do Programa de Preparação para a Aposentadoria: para a empresa, que assim resgata a experiência profissional do empregado; para o empregado, que enfatiza a valorização das experiências de vida; e para a sociedade, que integra o aposentado como membro produtivo e previne maiores problemas como doenças psicossomáticas, alcoolismo, desajustes familiares e marginalização (p. 51-52).

O programa apresentado recorre a uma política de socialização e reintegração do sujeito aposentado como alguém que pode produzir e que, por esse motivo, é útil à sociedade. Dessa forma, ainda podemos perceber o paradigma da sociedade moderna que associa idade a produtividade. O que se quer, ao que parece, é uma ampliação da “idade produtiva”.

A monografia III cita os programas da UFSC, desdobramentos dos trabalhos do NETI: Curso de Monitores da Ação Gerontológica, Curso de Avós, Grupo de Convivência 5 de Maio, Curso de Informática, atividade física, ioga, contadores de história e Grupo de Crescimento Pessoal.

Kátia Ploner, uma das autoras dessa monografia, psicóloga e professora atuante na Universidade do Vale do Itajaí (Univali), enquanto fazia sua especialização em Gerontologia na UFSC esteve envolvida com o projeto UNIVIDA da Univali. Em 1994, o embrião do UNIVIDA era um programa de extensão universitária que oferecia algumas disciplinas (Conhecimentos Gerais, Educação Física, Educação Artística, Autoconhecimento e Integração Grupal) à população, preferencialmente àquela com mais de 60 anos de idade. Alguns anos depois, o Programa Institucional para a Maior Idade (PIMI) da Univali incluiu cursos (Atualização, Teatro, Crescimento Pessoal, Saúde Integral e Ioga), um Clube de Viagens e um Curso de Aperfeiçoamento para a Maior Idade, criado em 1996. O PIMI foi se desdobrando até oferecer, primeiramente em 1999, o curso superior de extensão Universidade da Vida (UNIVIDA). Em abril de 2000, esse curso tinha 39 matriculados – 71,78% pertencia à faixa etária entre 41 e 60 anos, outros 7,69% tinham menos de 40 anos e apenas 20,05% estavam acima dos 60 anos. Embora a mensalidade cobrada fosse de R\$ 15,00 (quinze reais), isso correspondia a 11,19% do valor do salário mínimo de então⁴², o que poderia ser uma

⁴² PLONER, Kátia; SAIS, Almir. Universidade com mais idade. *Revista Alcance* (Psicologia), Itajaí, ano VII, n. 2, jul. 2000. p. 40.

explicação para o afastamento dos(as) idosos(as) dos programas dessa universidade. Na divulgação do UNIVIDA foi enfatizado que:

O curso está estruturado para atender pessoas maduras, que desejam conhecer mais sobre temas variados, que pretendem desenvolver um trabalho voluntário, que se interessem pelo relacionamento com outras pessoas, que queiram compartilhar e construir conhecimentos. Este é o público esperado, independente da idade⁴³.

A monografia IV partiu da experiência das autoras, Ana Paula e Beatriz, com “envelhecidas” com doenças sexualmente transmissíveis (DST), durante um estágio de enfermagem no Hospital São Paulo (SP). Elas buscaram subsídios para compor uma proposta à Secretaria Municipal de Saúde de Joinville, a partir de um estudo de caso realizado com participantes do Grupo Gente Feliz, do bairro Bom Retiro, na capital paulista, onde elas moravam. As autoras lançaram questionários a essa população amostral e depois realizaram oficinas informativas com trocas de experiências e esclarecimentos sobre DSTs. Segundo Ana Paula e Beatriz, os homens mantiveram-se não participantes durante todo o trabalho (p. 18).

A monografia V foi um desdobramento da monografia 3. A primeira foi orientada pelo autor da segunda, que como orientador já aparece como doutor, além de padre. Propõe “uma pastoral com a terceira idade que contribua para o crescimento humano, cristão e espiritual do idoso catarinense” (p. 11).

Essa última não apresenta nada significativamente novo. No entanto, é representativa para o entendimento das articulações da produção discursiva. O padre (representando a Igreja Católica) apoia-se no aval científico que a universidade pode oferecer, bem como ele próprio reproduz ou influencia a produção de discursos acadêmicos inspirados nas orientações religiosas.

A dança, a preparação para a aposentadoria, a participação comunitária através da Igreja e a prevenção de doenças são colocadas como alternativas para os(as) idosos(as) se manterem ativos e com qualidade de vida – os temas estudados nas monografias insistem nesse discurso.

Percebe-se nas monografias de 1999, para fechar a década de 1990, a presença marcante da Psicologia, incluindo referenciais teóricos da Psicanálise⁴⁴ e do existencialismo⁴⁵. A produção ainda oscilava bastante entre a utilização dos termos terceira idade e idoso/idosas,

⁴³ PLONER, Kátia (Org.). Curso Superior de Extensão Universidade da Vida – UNIVIDA. *Revista Alcance* (CCS –Extensão), Itajaí, ano VIII, n. 2, maio 2001. p. 25.

⁴⁴ D’AQUINO, Nora. *Gaia, residência de idosos – vida ainda*. Orientada por Maria Celina da S. Crema.

⁴⁵ TOSCAN, Ignes. *A velhice do existencialista Jean-Paul Sartre, pela ótica da interdisciplinaridade*. Orientada por Raquel Quadros Seiffert.

mesmo que em algum momento se propusesse a interação entre gerações⁴⁶ – o que mostra certo amadurecimento ou ganho no campo teórico, até mesmo com a inserção de novos profissionais ao curso. Vou comentar apenas três monografias que trazem questões ainda não abordadas pelas outras: o turismo, as terapias e o currículo escolar como instrumento de mudanças comportamentais.

A monografia que fala sobre o turismo para idosos(as)⁴⁷ mostra o potencial de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul em oferecer divertimento e favorecer a saúde dessa população. Como exemplo de lugares, cita a região serrana: São Joaquim, Fraiburgo, Lages e Gramado, com seus hotéis-fazenda que proporcionam contato com a natureza, promovem a paz interior e agem como preventivo do estresse (p. 12). O trabalho destaca ainda o atendimento à “população da melhor idade” nas principais estâncias hidrominerais de Santa Catarina (Piratuba, Treze Tílias, Gravatal e Santo Amaro da Imperatriz). E conclui dizendo: “A recreação contribui para a felicidade humana” e, portanto, “deve-se aceitar a responsabilidade [dos órgãos governamentais] de desenvolver e estimular programas recreativos que preencham as necessidades da população idosa” (p. 32).

Embora a associação entre turismo e lazer não seja nova, a partir da década de 1980, especialmente, essa “indústria da alegria” cresceu de forma globalizante. O turismo tornou-se a terceira economia mundial. Esses “édens da alegria saudável”, “megaparaísos de consumo” onde é preciso ter mais coragem para parar de consumir do que para comprar, transformaram e domesticaram a natureza criando *resorts* e hotéis-fazenda. Estes podem ser indicativos, como lembra Denise Sant’Anna, do estreito vínculo construído contemporaneamente entre cultura, lazer e consumo que transformou a história em pastiche. Talvez, angustia-se ela, seja preciso reivindicar uma “política do espírito”⁴⁸.

A monografia intitulada “Educação para o envelhecimento”⁴⁹ é uma proposta educacional, uma espécie de “kit educativo” com sugestões de estudos sobre envelhecimento, reflexões e exemplos de atividades que poderiam ser desenvolvidas por alunos, como tema transversal no currículo de ensino. As autoras têm formação em áreas relacionadas à Educação, e são citadas na nota: Artes Plásticas, Artes Cênicas, Educação Física e Pedagogia.

⁴⁶ PETERS, Joice; LAZARINI, Kátia Regina; ASSIS, Marilene A de. *Desobstruindo conceitos de velhice e de juventude presentes na concepção de jovens e velhos*. Orientado por Maria Celina da S. Crema.

⁴⁷ MARTINS, Eliseu Camargo; AGUILHARI, Maria Neusa M.; CORRÊA, Suzana Marilda; WEBER, Terezinha W. *O turismo na melhor idade*. Orientada por Marize Amorim Lopes.

⁴⁸ Todas as expressões colocadas entre aspas neste parágrafo foram utilizadas pela historiadora Denise B. Sant’Anna no ensaio intitulado “Um *zapping* na indústria da alegria”. In: *Corpos de passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

⁴⁹ Albertina Prates, Gilza Maria dos Santos, João Woehl e Zélia Rohden foram orientados pela Prof^a. Elizabete Nunes Anderle (da UDESC), sob consultoria das professoras Eloá A C. Vahl e Maria Celina da S. Crema.

A proposta de trabalhar com temas transversais no Ensino Fundamental foi divulgada pelo então Ministério da Educação e Cultura (MEC) a partir de 1997. A ideia seria abordar alguns temas emergentes, não como disciplinas isoladas, mas como assuntos que perpassam várias disciplinas. A publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*⁵⁰ propõe alguns temas como transversais (Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual) e sugere que a eleição de outros temas possa ser feita de acordo com a realidade local e contextos de época. Nesse caso, o envelhecimento, como um tema transversal, proposto pelas autoras da monografia anteriormente citada, se justificaria pela emergência e importância.

A monografia de Yara Paraná Sanches⁵¹ é também um relato da sua própria experiência como psicóloga e como idosa (ela estava, então, com 62 anos de idade). Ela fala da importância dos Grupos de Crescimento Pessoal, os quais ela mesma coordenava, atendendo mulheres entre os 35 e 50 anos de idade, como uma preparação para o envelhecimento.

Podemos colocar as monografias analisadas e outras não selecionadas, embora dentro desse contexto, como coparticipantes desse grande fórum acadêmico sobre o envelhecimento. Os autores construíram propostas, sugestões, mapearam situações-problemas, enfim, construíram seus discursos sobre a base também de suas experiências, como idosos(as) e como agentes de transformação. Muitos trouxeram experiências de outros estados do Brasil, outras cidades de Santa Catarina, dialogaram no ambiente acadêmico e levaram para as suas localidades essas discussões reelaboradas. Construíram seus entendimentos sobre velhice, tornaram-se outros(as), talvez, nessa rede intrincada dos discursos.

A Gerontologia em Santa Catarina ajudou a pensar e construir discursos e ações voltadas à população idosa. Apesar dos debates e das divergências que essa “área” multidisciplinar criou, por conta da sua não especificidade, foi muito rico esse momento.

Entendo, a partir de Foucault, que as redes de poder se formam no nível mais elementar do cotidiano e são elas que criam e mantêm identidades. Por isso, para ele as lideranças, as instituições envolvidas, os meios de comunicação, o mercado consumidor são elementos a analisar. Foucault diz também que existem “trabalhadores sociais”, a partir de uma matriz filantrópica, que formam um conjunto complexo, sutil em sua distribuição, em

⁵⁰ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

⁵¹ “Envelhecimento feminino patológico: prevenção a partir da meia-idade – uma abordagem psicológica.” Orientada por Sílvia Maria Azevedo dos Santos.

seus mecanismos, seus controles recíprocos, seus ajustamentos⁵². Por isso, procurei analisar esses agentes sociais enredados na trama que envolveu a Gerontologia, mídias, lideranças, representações de grupos, entidades, instituições e pessoas.

Considerações finais

Como diz Alda Britto da Motta⁵³: “[...] o envelhecimento torna-se, realmente, uma questão global e particularmente ‘feminina’”. Os grupos de “terceira idade” e a gerontologia, onde as mulheres constituem a maioria, contribuíram em muito para lhes dar visibilidade. Essa população tornou-se, todavia, objeto de discurso (das instituições e do Estado) ambíguo – protecionista e temeroso –, além de descoberta como nova e promissora fatia de mercado consumidor.

Algumas áreas do conhecimento, como a Medicina, a Educação Física, Psicologia, Nutrição, destacaram-se nesse cenário da preocupação com um envelhecimento saudável. O corpo, como cuidar dele, passou a ser questão *sine qua non* no entendimento do envelhecimento. Esse dinamismo dos corpos que atravessa o sentido da “terceira idade” tem sido abordado também por outras áreas (Direito, Educação e Antropologia, por exemplo). Neste artigo, a Gerontologia se destaca na preocupação em estudar os processos de envelhecimento. Esse “Frankenstein”, nas palavras de Alda Brito da Motta⁵⁴, que não podemos definir especificamente como uma área de conhecimento ou uma disciplina. A Gerontologia, com seu caráter multidisciplinar, acompanhou a construção do que se convencionou chamar “terceira idade” – um eufemismo do envelhecimento criado a partir da década de 1960, que tomou força nas três décadas seguintes. Várias publicações de gerontólogos, como pôde-se ver neste trabalho, estão voltadas à ideia do dinamismo dos corpos na velhice. Há que se considerar o peso que as mulheres representam (fator quantitativo), que incide nos aspectos que qualificam a configuração cultural e lhes dão subjetividade.

Referências

⁵² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 151-152.

⁵³ MOTTA, Alda B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, Campinas/São Paulo, n. 13, p. 208-209, 1999.

⁵⁴ Esta expressão foi verbalizada pela antropóloga da UFBA em mesa-redonda intitulada “Gênero, gerações, subjetividades”, no dia 09/10/2002, quando Alda Motta apresentava seu trabalho no VI Simpósio Internacional Fazendo Gênero, em Florianópolis. Na ocasião, ela falava de sua pesquisa sobre os “velhos velhos” (para diferenciar dos “velhos jovens”, associados à terceira idade) – estes estariam numa faixa acima dos 80 anos de idade. A antropóloga prefere utilizar o termo “velho”.

- ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BOURDELAIS, Patrice. *L'Âge de la vieillesse: histoire du vieillissement de la population*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CAMARANO, Maria Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2003.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- GUEDES, Neusa Mendes. *A ação multiplicadora de monitores habilitados em curso de formação de monitores da Ação Gerontológica*. Florianópolis: NETI/UFSC, 1997.
- GUITTON, Jean-Pierre. *Naissance du vieillard: essai sur l'histoire des rapports entre vieillards et la société em France*. Paris: Aubier, 1988.
- IBGE. *Estatísticas do século XX* (publicação em CD-ROM), 2003.
- LIMA, Marcelo Alves. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade. In: VERAS, Renato (Org.). *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UERJ/UnATI, 2001.
- MOTTA, Alda B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, Campinas/São Paulo, n. 13, p. 208-209, 1999.
- NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (Orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.
- PLONER, Kátia; SAIS, Almir. Universidade com mais idade. *Revista Alcance* (Psicologia), Itajaí, ano VII, n. 2, jul. 2000.
- PLONER, Kátia (Org.). Curso Superior de Extensão Universidade da Vida – UNIVIDA. *Revista Alcance* (CCS –Extensão), Itajaí, ano VIII, n. 2, maio 2001.
- PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2004.
- SANT'ANNA, Denise B. *Corpos de passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SIMÕES, Júlio Assis. Solidariedade intergeracional e reforma da previdência. In: *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1997.
- VAHL, Eloá Aparecida Caliari et al. *Catálogo de monografias de especialização em Gerontologia, 1993-2001*. Florianópolis: UFSC/NETI, 2002.
- VEJA, São Paulo, n. 1.830, 26 nov. 2003.
- VERAS, Renato. Idoso e universidade: parceria para a qualidade de vida. In: VERAS, Renato (org.). *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI/UERJ, 1995.

_____ (Org.). *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UERJ/UnATI, 2001.